

Milosevic: fim de percurso

Publicação: [O Mundo em Português Nº62](#)

Data de Publicação: Junho/Julho de 2006

Autor: Jacques Rupnik

O processo de Slobodan Milosevic, o primeiro Chefe de Estado julgado por um Tribunal Penal Internacional por crimes de guerra e genocídio, ainda não chegou ao seu termo. Enquanto em Belgrado alguns lançavam a absurda acusação de assassínio, a autópsia deveria determinar se se tratava de uma morte natural ou de um suicídio. Esta última hipótese não é descartável, pois conhecem-se os antecedentes familiares: o seu pai, teólogo ortodoxo, suicidou-se em público com uma bala na cabeça, e a sua mãe, educadora de infância, matou-se alguns anos mais tarde. Há poucas semanas, também o antigo líder dos nacionalistas sérvios da Croácia, Milan Babic, condenado pelo Tribunal para a Antiga Jugoslávia mas disposto a testemunhar contra Milosevic, se suicidou na sua cela em Haia...

Milosevic ficará na história por duas razões: como o principal, mas certamente não o único, responsável pelo eclodir da guerra de dissolução da antiga Jugoslávia, e como o protótipo mais fiel do nacionalismo como «estádio supremo do nacionalismo» (Adam Michnik). Com efeito, após uma carreira de apparatchik normal do Partido Comunista da Sérvia, foi em 1987, numa visita ao Kosovo, que ele descobriu o potencial que a manipulação da questão nacional poderia dar à sua carreira. Serviu-se dessa manipulação para substituir Ivan Stambolic na chefia do partido (que mais tarde, em 2000, mandou assassinar, quando aquele procurava a sua vingança e o regresso à política, juntando-se a uma oposição em busca de liderança). Milosevic compreendeu que quando o comunismo se afundava em toda a Europa de Leste, a única forma de manter o poder seria basear-se numa ideologia de substituição: o nacionalismo.

O seu discurso de Junho de 1989, no campo dos Melros (Kosovo Polje), local da batalha do Kosovo de 1389 e da conquista otomana do berço do reino medieval sérvio, é um grande clássico do género. Erigindo-se em grande defensor dos sérvios ameaçados pelas reacções em cadeia das secessões, não hesita em usar as forças armadas jugoslavas para tentar impor uma Jugoslávia à sua ideia, e depois, num segundo tempo, uma Grande Sérvia reagrupando as populações sérvias da antiga Jugoslávia (Croácia,

Bósnia, Kosovo). O resultado foi um fracasso total, pois estas guerras acabariam por terminar com duas intervenções internacionais (em 1995 na Bósnia e em 1999 no Kosovo) e uma derrota completa da Sérvia. «Todos os sérvios no mesmo Estado» gritavam outrora os partidários de Milosevic. Isso acontecerá certamente um dia, mas numa «pequena Sérvia» que está em vias de perder os dois últimos vestígios da Jugoslávia: o Montenegro, que referendou a sua independência em Maio, e o Kosovo, cujo estatuto final será definido até ao final do ano. A historiografia sérvia não será indulgente em relação àquele que representa um momento, um «grande destino nacional» que se salda por uma tragédia pessoal e colectiva.

O desaparecimento de Milosevic pode ter consequências nefastas e deixa em suspenso diversas questões .

1. Na Sérvia, a julgar pelas primeiras reacções, a morte de Milosevic vai reforçar o discurso de vitimização, já muito presente. Mesmo se a maioria da população tem preocupações mais prosaicas e deseja virar a página, os nacionalistas do Partido Socialista de Milosevic e sobretudo do Partido Radical (os ultras de V. Seselj, outro arguido no tribunal de Haia) vão poder relançar a sua campanha contra o Tribunal para a Antiga Jugoslávia e mais globalmente contra um Ocidente considerado hostil aos sérvios e indulgente em relação aos croatas e os muçulmanos, bósnios ou kosovares.

<+>2. É neste contexto desfavorável que se iniciam, em Viena, as negociações sérvio-albanesas sobre o estatuto final do Kosovo. Nenhum líder sérvio parece estar em condições de confrontar os seus compatriotas com a realidade (o Kosovo não voltará a fazer parte de um Estado comum com a Sérvia) e entrar na História como «o homem que perdeu o Kosovo». A menos que se regresse às origens da ascensão de Slobodan Milosevic e se recorde que o verdadeiro coveiro da Jugoslávia (e logo responsável pela perda do Kosovo) foi precisamente o antigo homem forte de Belgrado.

3. O falecimento de Milosevic na sua cela de Haia é também um rude golpe para o processo, que deverá chegar ao seu termo proximamente, e, de uma forma mais geral, para o Tribunal Penal para a Antiga Jugoslávia. As vítimas das «purificações étnicas» na Bósnia e no Kosovo não verão a condenação do principal arguido. O processo era, sem dúvida, demasiado ambicioso e certamente demasiado longo. Num primeiro tempo, Milosevic utilizou habilmente as transmissões televisivas para se dirigir à opinião pública sérvia e denunciar «a ilegitimidade» de uma justiça imposta por aqueles que desencadearam, sem mandato internacional, a campanha de bombardeamentos da NATO contra o seu país. Seguidamente, as transmissões foram interrompidas e o processo enredou-se na audição de milhares de testemunhas. Primeira lição retida: o

processo de Saddam Hussein não procura julgar «o conjunto da sua obra», mas somente dois ou três crimes precisos, passíveis de julgamento célere. Segunda lição: a Bósnia apresentou uma queixa contra a Sérvia no Tribunal Internacional de Justiça, por genocídio: em vez de julgar a responsabilidade individual dos detentores do poder, retorna-se à lógica da culpabilidade colectiva

4. As relações da Sérvia com a UE podem sofrer as consequências de ter existido um Chefe de Estado extraditado sob pressão internacional, e cujo processo inacabado deixa Belgrado perante outras exigências crescentes de extradição. Milosevic tornou-se indispensável para os Ocidentais em 1995, em Dayton, e o próprio Richard Hallbrook admitiu que sem Milosevic não teria havido acordo para pôr termo à Guerra na Bósnia. Tornou-se de tal forma indispensável que pensou ter as mãos livres para agir no Kosovo, onde, em 1998, existia um conflito de baixa intensidade, por contraponto ao que se tinha passado na Bósnia. Foi um gigantesco erro de cálculo, pois, na percepção ocidental, foi o efeito cumulativo dos conflitos na Croácia, na Bósnia e depois no Kosovo que precipitou a intervenção da Primavera de 1999.

A União Europeia acaba de fazer um ultimato à Sérvia, exigindo a entrega de Karadzic e de Mladic, os dois responsáveis directos dos massacres na Bósnia, como condição para prosseguir as negociações de um acordo de estabilização e de associação. Karadzic está escondido na Bósnia, mas o general Mladic está na Sérvia, protegido por certos elementos das forças armadas sérvias. Foi Kostunica que assinou os seus papeis de reforma e não se vê muito bem como poderá entrar num braço de ferro com as forças armadas para responder à exigência de um tribunal internacional que a maioria dos sérvios julgam desacreditado. O descrédito do Tribunal poderá prejudicar os esforços da UE em fazer compreender aos sérvios que o confronto com o seu passado recente é uma condição necessária para que possam entrar na família europeia.